



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 05

PANORAMA TEMÁTICO DOS QUATRO EVANGELHOSⁱ

MATEUS

É o mais centrado em questões e interesses judaicos. Também importante para este evangelho é a função-chave que os discursos de Jesus têm no desenvolvimento do argumento. Os cinco discursos são:

- ✚ Bênçãos, lei, justiça e o caminhar com Deus – o sermão do monte (cap. 5-7);
- ✚ Instruções para a missão (cap. 10);
- ✚ O Reino (Cap. 13);
- ✚ A comunidade – prestação de contas e perdão (Mt 18);
- ✚ Condenação da liderança e discurso escatológico (cap. 23-25). (Este último, na verdade, são melhor considerados como dois discursos, porém que Mateus apresenta conjuntamente)

O relacionamento de Jesus com Israel e a explicação da rejeição de Israel são os maiores objetivos. Mateus deseja mostrar que aqueles que são cristãos não buscaram uma separação do judaísmo, mas foram forçados a se diferenciar porque a nação rejeitou a plenitude da promessa divina e das Escrituras, que Jesus trouxe e ofereceu. Essa rejeição, entretanto, não impediu a concretização da promessa: o que a rejeição fez foi levantar as estacas do discipulado e levar à criação de uma nova entidade, a igreja.

Como em todos os evangelhos, há uma interação e intercâmbio entre as palavras e os atos de Jesus: o que Jesus faz apoia o que ele prega.

Os temas-chave são os seguintes (em itálico): a cristologia de Mateus apresenta um *entendimento real e messiânico de Jesus*, o qual, como *Filho de Deus*, prometido dos judeus, é o revelador da vontade de Deus e portador da autoridade divina. Jesus ensina o *real significado da Torá em todas as dimensões*, chama à *justiça prática*, inaugura o Reino e ensina sobre os elementos *misteriosos* da promessa de Deus. Isto tudo é parte do que Mateus associa com um programa que envolve o que ele chama de *Reino dos céus*. Esse reino é tanto presente quanto ainda está por vir (12.28; 13.1-52; 24.1-25.46). João Batista anuncia a aproximação desse Reino, e Jesus proclama a esperança desse reino por toda a nação e para todas as ovelhas perdidas de *Israel*. Ele

os chama ao arrependimento, desafia sua práticas, expressa sua autoridade sobre o pecado e o sábado e os chama a ler a lei com misericórdia. A maior parte de Israel rejeita a mensagem, mas o mistério é que a promessa vem apesar dessa rejeição. Um dia esse Reino abrangerá o mundo inteiro (parábolas do cap. 13). Na consumação, a autoridade de Jesus será evidente a todos em um juízo de toda a criação (cap. 24-25). Assim, o programa do Reino, a escatologia e a história da salvação são unidos por Mateus.

Deus é visto como o *Pai* que tem uma *presença soberana e permanente* sobre o mundo. Esta presença é vista por meio do programa de Jesus, uma realização das promessas de Deus. Sua presença também é vista na forma como Jesus exerce juízo sobre Israel por meio da promessa de juízo do templo. A soberania de Deus sobre o mundo emerge por intermédio do Messias, que tem a responsabilidade no juízo final.

A maior parte do *cumprimento das Escrituras* que Mateus cita nos ajuda a entender quem Jesus é e como ele realiza o plano de Deus. As Escrituras são cumpridas quando Jesus: (1) é concebido por uma virgem; (2) nasce em Belém; (3) vem do Egito; (4) nasce em um período de sofrimento para a nação; (5) é chamado “nazareno”; (6) vai para a Galileia dos gentios; (7) leva nossas enfermidades; (8) é um pastor enviado a um povo sem pastor; e (9) é o *servo que leva justiça aos gentios* (Cap. 1-2; 4.14-16; 9.36; 12.18-21). Todas essas promessas sublinham a libertação e missão que Jesus traz para Israel. O prometido de Israel foi enviado para trazer o povo de volta para Deus, exatamente como os profetas tentaram fazer anteriormente. Todavia, há, vez ou outra, indicações de que o relato circula para além de Israel: um centurião e uma mulher siro-fenícia demonstram fé exemplar (8.5-13; 15.21-28); tanto gentios como judeus ouvem o sermão do monte. Quando a rejeição de Israel torna-se mais intensa, Jesus é mandado como um servo que traz justiça com esperança para as nações.

A final e *grande comissão* envia discípulos para o mundo inteiro (28.16-20). Isso acontece por intermédio de uma nova comunidade, a *igreja*, a qual Jesus edificará (16.16-20; 18.15-20). Mateus é o único evangelho que fala diretamente da igreja. Os discípulos que compõem a igreja são chamados a um *discipulado exigente* que põe o seguir a Jesus em primeiro lugar; ele é fundamentado em *responsabilidade espiritual, misericórdia e perdão*; ele procura a justiça como um chamado; e vai ao mundo fazer mais discípulos (16.24-28; 18.1-35).

O evangelho de Mateus, além da preocupação com questões judaicas, mostra também maior preocupação com cristologia, comunidade, discipulado e missões. Mais do que qualquer outro, este evangelho explica que, apesar de sua morte, Jesus era o Messias prometido enviado por Deus, chamando o povo de volta para seguir a Deus e buscar o Reino.

MARCOS

O ponto crucial do evangelho é a confissão de que Jesus é o Cristo, em 8.27-31. Metade desse evangelho trata do movimento para a semana final do ministério de Jesus, e um quarto dessa metade é sobre a última semana. Para Marcos, os acontecimentos da semana final são centrais para a narrativa.

Os temas-chave. Embora em um grau menor que Mateus ou Lucas, também traça o *Reino de Deus* como tema. Para Marcos, há elementos que indicam sua presença inicial, porém a maior ênfase é que esse Reino virá em plenitude, um dia, no futuro. A entrada no Reino, disponível agora, exige o tornar-se como uma criança. O *mistério do Reino* é que ele começa pequeno, mas ainda realizará tudo o que Deus o tem vocacionado para ser: ele será uma rica colheita. Outro tema que aparece, também menos desenvolvido que em Mateus ou Lucas, é que *o tempo do cumprimento chegou* (1.15).

Marcos é mais um evangelho de *ação* que de ensino. As coisas acontecem *logo* ou *imediatamente*, uma das expressões favoritas de Marcos. Contém apenas dois discursos – sobre as parábolas do Reino (4.1-33) e outro escatológico (13.1-37). Há muitos milagres: vinte *relatos de milagres*. Combinados com sumários de curas realizadas, essas unidades compreendem um terço do evangelho e quase metade dos dez primeiros capítulos. Marcos também mostra a intensidade da atividade demoníaca em reação à presença e obra de Jesus, e a autoridade deste sobre os espíritos malignos: nos cinco primeiros capítulos há mais referências a Satanás e demônios do que no Antigo Testamento inteiro!

Essas descrições da autoridade de Jesus são importantes para Marcos; ele apresenta Jesus como aquele que ensina com autoridade, mas uma parte essencial dessa autoridade é vista em atividade, não só em seus pronunciamentos. A autoridade ressalta que Jesus é o *Cristo, o Filho de Deus* (1.1; 8.29; 15.39). Jesus afirma ter autoridade sobre o pecado, os relacionamentos, as práticas ligadas à pureza, o sábado e o templo, e isso o coloca em dificuldades com os líderes judeus. Esse *conflito que as afirmações de Jesus provocam* também é central nesse evangelho.

Em termos de proporção, Marcos destaca Jesus como *o Filho do Homem e Servo Sofredor* mais que os outros evangelhos: nove dos treze usos da expressão Filho do Homem dizem respeito ao sofrimento de Jesus. Embora Isaías 53 não seja citado, as descrições de Jesus claramente estão em paralelo com a imagem dessa pessoa, especialmente a afirmação de que missão é vir e dar a sua vida como *resgate por muitos* (10.45). A importância de entender a função do sofrimento provavelmente explica as *ordens para silenciar*, dadas para aqueles que confessam Jesus como o Messias, inclusive os demônios (1.44; 5.43; 9.9). Isso não quer dizer que seu messiado deva ser mantido em segredo; apenas que não deve ser compartilhado antes que seja

mais plenamente compreendido. Só quando a cruz se aproxima, o pleno escopo da promessa e chamado divino emergem. Os discípulos não estão em posição de anunciar Jesus até que entendam esse aspecto de sua missão.

As *exigências do discipulado* aparecem também (10.35-45), como em Mateus. A necessidade de discipulado e de realmente ouvir a Jesus fica clara quando Marcos registra sem hesitação *os fracassos dos discípulos*. Seus instintos não os levarão na direção certa; confiança em Deus e em seus caminhos é o que se exige. Junto com isso, Marcos registra *as emoções de Jesus e dos discípulos* mais do que qualquer outro evangelho.

Em suma, Marcos se dirige a uma igreja oprimida, que sofre rejeição semelhante a de seu Mestre. O chamado para servir, descansar no plano de Deus e olhar para Jesus como o exemplo apresenta o antídoto para sua situação difícil.

LUCAS

É o mais longo dos quatro evangelhos. Tem uma mistura de ensino, milagre e parábola (apresenta mais parábolas que qualquer outro evangelho). Metade do material de Lucas é exclusivo de seu evangelho. Enquanto Mateus apresenta o ensino em blocos de discurso, Lucas espalha o ensino por todo seu evangelho, geralmente em unidades menores. Muitos discursos importantes acontecem em cenas de refeição (7.36-50; 11.37-52; 14.1-24; 22.1-38; 24.36-49). Seu interesse por geografia também é manifesto.

O evangelho de Lucas procede da Galileia para Jerusalém. Sua parte distintiva é a jornada de destino divino que Jesus toma quando se aproxima de Jerusalém (cap. 9-19). Essa seção justapõe dois temas centrais: a rejeição de Jesus pela liderança e a preparação dos discípulos para o ministério sem Jesus, depois de sua partida. Em Lucas o escopo do discipulado em relacionamentos e valores é muito mais desenvolvido.

Seus temas-chave são: a atividade do *plano de Deus*: as coisas “devem ser” (2.49; 4.43; 9.22; 24.7,26,44-47). Por esse plano, Deus alcançará e libertará *o pobre, o oprimido e os presos na opressão de Satanás* (4.16-19; 11.14-23). A seção de abertura faz uso de hinos em linguagem bíblica, sublinhando a nota de *alegria* que perpassa o evangelho. Coisas também acontecem de imediato: muitos textos falam do que acontece “hoje” (2.11; 4.21; 5.26; 19.9; 22.34). O evangelho marcha para a frente, conforme indicado pela *progressão geográfica* (da Galileia para Jerusalém) na narrativa.

Jesus aparece como o *Messias-Servo-Senhor*. A categoria básica é o seu messiado (1.31-35; 3.21,22; 4.16-30; 9.18-20), e essa função é de grande autoridade, a qual pode ser resumida pela imagem do *Filho do Homem que julga* ou pelo conceito de *Senhor*

(5.24; 20.41-44; 21.27; 22.69). Jesus também atua como *olegislador-profeta*, como Moisés, que deve ser ouvido (4.20-30; 9.35). Jesus traz o *Reino*, cuja presença e início são evidenciados pelos milagres e pela *derrota de Satanás*. Há também, todavia, um futuro para o Reino, com Jesus reinando sobre Israel e sobre as nações, o qual expressa sua soberania (21.1-38). Assim, a libertação trazida por Jesus aponta para a realização das promessas da aliança feitas a Abraão, a Davi e à nação (1.45-55).

A liderança nacional é firme em sua rejeição da mensagem, e Israel experimentará juízo por ser infiel (19.41-44; 21.20-44). Mas nesse meio-tempo Jesus forma uma *nova comunidade*, que no livro de Atos é chamada de “Seguidores do Caminho”. Essa comunidade é formada por aqueles que *se voltam* para abraçar a mensagem de Jesus e seguem na *fé*. Lucas gosta de falar dessa resposta em termos de *arrepentimento*, lembrando a mudança de direção que a fé produz (5.32). Surpreendentemente, *os coletores de impostos e os pecadores* são mais receptivos. Há muitas *mulheres* em Lucas, como exemplo de receptividade espiritual (2.38,39; 7.36-50; 8.1-3), e de *pobres e oprimidos* (4.16-19; 6.20-23).

Haverá forte *perseguição* aos discípulos, de modo que eles devem *perseverar* (21.7-19), amando os inimigos e mediante muita *oração* e *vigilância*. Os dois grandes obstáculos para o discipulado são a pressão que essa perseguição produz e o excessivo apego ao mundo, especialmente por meio de *posses* (8.11-15). Assim, Lucas desafia os ricos com respeito à administração do que Deus os dá.

Lucas procura assegurar seus leitores de que a rejeição por parte do mundo não é sinal de inautenticidade do Evangelho. Tal rejeição estava no centro do plano desde o começo. Confiança renovada é o motivo principal desse evangelho.

O que Jesus dá é *libertação*, *perdão* e, por fim, *capacitação*. A *ascensão* permitirá aos discípulos realizarem tudo o que Deus tem para eles (15-16; 24.49) (3). Para Lucas, essa esperança está no centro do Evangelho, junto com a *vida eterna* que Deus dá.

JOÃO

Enfatiza Jesus como o enviado de Deus, que age em união íntima com o Pai. Jesus é apresentado como Deus revestindo-se de carne. João parte da declaração da encarnação por meio de uma narrativa de sete sinais e múltiplos discursos interativos para destacar a singularidade de Jesus. Os sinais são:

- ✚ Transformação de água em vinho (2.1-12);
- ✚ Cura do filho de um oficial (4.43-54);
- ✚ Cura no sábado e a controvérsia resultante (5.1-18);
- ✚ Alimentação dos cinco mil (6.1-15);

- ✚ Jesus anda sobre as águas (6.16-21);
- ✚ Cura de um cego – Jesus, a luz exemplificada (9.1-41);
- ✚ A ressurreição de Lázaro (11.1-54).

Os temas de João focalizam a *crisologia*. Diferentemente dos sinóticos, João fala pouco do Reino. Antes, *vida eterna* é o tema principal usado para expressar o que os outros evangelhos chamam de promessa do Reino. A ênfase na expressão “vida eterna” não é só a duração da vida, mas também sua qualidade, isto é, *vida real e interminável*. Conhecer ao Pai e a Jesus Cristo, a quem o Pai enviou, é vida eterna (17.3). Essa vida está disponível agora (5.24-26). Na ocasião, ela é também a perspectiva de juízo para aqueles que a rejeitam (3.16-21,36).

É a *Palavra/Logos* enviada por Deus na forma de carne humana que traz essa promessa. As várias formas em que Jesus representa o caminho de Deus são desenvolvidas nos ditos “Eu Sou”:

- ✚ a luz do mundo
- ✚ a ressurreição e a vida
- ✚ o bom pastor
- ✚ o Pão da Vida
- ✚ a videira

Cada imagem dessas especifica alguma função central que pertence a Jesus. Como *Filho*, Jesus faz só o que o Pai lhe mostra. É a *unidade* de Jesus *com o Pai* que João destaca. Jesus é o *Messias* esperado, o *Filho do Homem*, que sobe e desce entre a terra e o céu. Nessa função, ele julgará (5.27), será levantado (3.14) e servirá na mediação da salvação (3.13; 6.27). Mesmo quando Jesus é visto como *profeta*, é sua função como *líder-profeta*, à semelhança de Moisés, que essa identificação destaca (6.14; 7.40).

A função dos *sinais* é crucial nesse evangelho. Eles dominam os primeiros dois terços do evangelho. A resposta a eles vai da rejeição (12.37-40) à abertura (9.25). Notavelmente, de forma distinta dos sinóticos, não há *nenhuma expulsão de demônios* em João. Ele focaliza os atos de cura, restauração e provisão. O que esses sinais destacam acima de tudo é *a superioridade de Jesus sobre as instituições judaicas e suas lideranças* (1.17; 2.19-21; 7.37-39; 9.28-41; 10.1-18). A maioria dos milagres acontece em ambientes de celebrações judaicas e destacam como Jesus provê o que as festas celebram. No final do evangelho, bênção vem para aqueles que têm fé sem a necessidade de sinais (20.29).

Jesus é visto como o *revelador* de Deus: é ele que torna conhecidos o Pai e seu caminho (1.14-18). Essa é parte da função de Jesus como luz. A morte de Jesus mostra o amor do Pai por seu próprio povo, e é um exemplo para os discípulos de como eles

devem amar (13.1,11-17). A morte de Jesus também serve para reunir o povo de Deus (10.1-18) e é um meio pelo qual o Filho e o Pai são glorificados (3.14-16).

Também de grande importância para João é o *Espírito Santo (Paracleto)*, o encorajador-capacitador que virá depois da morte de Jesus como alguém enviado por ele para guiar os discípulos na verdade, fortalece-los para o ministério e missão e convencer o mundo do pecado, justiça e juízo (14.25-31; 16.8-11). Aqui está o que sustenta a vida (4.8-10; 7.37-39).

A nova comunidade que Jesus forma deve ser caracterizada pelo *amor e unidade*, que têm seu modelo na oferta de Jesus de si mesmo e no relacionamento do Filho com o Pai (13.31-35; 17.1-26). Para funcionar efetivamente, a comunidade deve estar enraizada em seu relacionamento com Jesus, que é a videira (15.1-6).

Conclusão

Em vez de vermos as diferenças entre os evangelhos como evidência de contradição e inautenticidade, devemos ver que é exatamente essa diversidade que acentua uma unidade inerente em suas afirmações (a autoridade proveniente de seu relacionamento único com Deus), o que torna o relato sobre Jesus ainda mais profundo e consistente, algo que relatos apenas justapostos e idênticos não conseguiriam apresentar. Da mesma forma como uma imagem em três dimensões tem maior profundidade, algo que não se consegue em apenas duas dimensões, assim os quatro evangelhos revelam um Jesus multifacetado. De acordo com as Escrituras, um exame de Jesus, sob vários ângulos, fornece-nos uma ideia de quão singular era sua pessoa.

Enquanto Mateus está interessado na resposta judaica, Marcos trata da questão do sofrimento e perseguição. Lucas oferece segurança ao deixar claro como a mensagem foi do judeu para o gentio por intermédio da direção divina – embora a complementação desse tema exigisse um segundo volume, Atos. João trilha seu próprio caminho, destacando o envio singular do Filho único.

ⁱ Esta lição é um resumo do capítulo 01 da Parte Um do livro **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).